

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

PERSPECTIVAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS DO ESTADO
CAPITALISTA QUE PERPASSAM A EDUCAÇÃO

Polyane Primo
polyane30@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina
Anieli Sandaniel
aniele.sandaniel@hotmail.com
Universidade Estadual de Londrina
Edméia Maria de Lima
edmeialima6@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina
Tania da Costa Fernandes
taniafernandes@uel.br
Universidade Estadual de Londrina

Eixo 8: Educação e Política

Resumo

Considerando os aspectos políticos e econômicos, inerentes à sociedade capitalista neoliberal, cujos projetos societários estão em disputa, a educação, com suas múltiplas faces e contradições, emerge como um dos pilares deste contexto. A problemática em questão é o papel da escola como mecanismo de reprodução dos interesses do Estado Capitalista na educação ofertada à classe trabalhadora. O objetivo do estudo é analisar a interferência do Estado, a partir de sua característica reguladora, mediando as relações entre o capital e as classes sociais, a qual impacta na educação e impõe-lhe desafios a partir da lógica mercantil. Para tanto, o estudo ancora-se no método materialista histórico dialético, tem como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. Conclui-se que a escola, sendo um aparelho estatal ideológico, procura tornar coesa sua função educativa, entretanto, está vulnerável aos interesses empresariais possíveis de serem observados na organização do currículo. A educação, por meio da mediação da escola, intervém legitimando uma dominação pelo consenso ou priorizando a apropriação do saber pautada na reflexão sobre a luta de classes.

Palavras-chave: Estado Capitalista. Escola. Classe trabalhadora.

Introdução

Quando se decide compreender as questões relativas à educação numa perspectiva materialista histórico dialética, é necessário levar em consideração os aspectos que permeiam o contexto econômico e político, pois a educação é de algum modo, resultado da articulação destas dimensões. Nesse sentido, a escola pode atuar como instituição que reproduz as ideologias

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

dominantes ou como instituição que forma cidadãos com participação ativa e crítica na sociedade, com consciência de classe, capazes de perceber as mazelas sociais e se unirem em luta para que elas sejam superadas, ou pelo menos, que a maioria dos sujeitos possa ter uma condição digna de vida.

As sociedades capitalistas, principalmente os países/continentes que contemplam os grandes conglomerados econômicos, como os Estados Unidos e o bloco europeu, têm grande interferência na sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito à educação, pois veem nela o elemento disseminador de grande alcance das suas ideologias dominantes, auxiliando assim, o crescimento e fortalecimento da economia.

Para tanto, há um movimento dos Organismos Internacionais, como Banco Mundial (BM), Fundo Monetário Internacional (FMI), entre outros, no sentido de influenciar a economia de países considerados periféricos, de modo que estes alcancem níveis de desenvolvimento mais elevados. Nesse sentido, financiam programas sociais e definem políticas educacionais, corroborando para que a escola atue como um aparelho ideológico de Estado. Esse processo permite que seus objetivos financeiros e sociais se tornem também os objetivos da classe trabalhadora, ou seja, as diferentes frações das classes dominantes conseguem articular interesses das classes dominadas em torno dos seus próprios, as quais os naturaliza, passando a defendê-los e como se estes pudessem trazer bons resultados para sua condição enquanto classe social explorada (FREITAS, 2018; CURY, 1985).

Neste sentido, Wood (2003) afirma que o Estado pode ser considerado uma autoridade pública coercitiva especializada, que contempla a divisão de classes antagônicas: trabalhadores e capitalistas. Diante disso, é necessário ter o entendimento de que vivemos em um Estado formado por um conjunto de instituições organizadas de forma ampla, composto por instrumentos de coerção especializados que, muitas vezes, são utilizados para impor as vontades de uma classe sobre a outra (WOOD, 2003).

Além disso, não só no Brasil, mas em termos mundiais, o setor público vem sendo asfixiado e os setores privados crescem com dinheiro público (FREITAS, 2018), ganham força, melhoram suas formas de organização, para assim conseguirem dar direção às políticas públicas

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS
educacionais, caracterizando-se como uma ofensiva histórica do capital
(PERONI; CAETANO, 2015).

Nesse sentido, o estudo teve suas análises respaldadas no materialismo histórico dialético, tem como problemática: o papel da escola como mecanismo de reprodução dos interesses do Estado Capitalista na educação ofertada à classe trabalhadora. A partir dessa problemática, tem como objetivo: propor uma análise sobre a interferência do Estado, a partir de sua característica reguladora, mediando as relações entre o capital e as classes sociais, a qual impacta na educação e impõe-lhe desafios a partir da lógica mercantil.

O texto segue abordando os aspectos que envolvem o Estado Capitalista, a caracterização da educação que está presente nesse estado, o papel do professor que faz parte da classe trabalhadora e o papel da escola que está inserida nessa sociedade permeada por contradições das mais variadas, tendo por base autores, como Marx e Engels (2005), Cury (1985; 2002), Saviani (2008), Martins (2009), Ferretti (2017), Freitas (2018), Marx (1985), Netto (1981), Peroni e Caetano (2015), Poulantzas (1977), Wood (2003), entre outros.

Educação permeada pelas consequências da sociedade capitalista

O Estado Capitalista constituído de diferentes classes dominantes e dominadas é permeado pelas concepções neoliberais, as quais promovem graves consequências no meio social, como a valorização das mercadorias acima da valorização do próprio ser humano. Defende a liberdade total do mercado, pois, nessa perspectiva, é ele que tem a capacidade de solucionar os problemas sociais por ele mesmo causado. Conforme Ferretti (2018, p. 39), “[...] a relação antagônica entre Capital e Trabalho gera não apenas contradições existentes na sociedade como determina a luta de classes sobre diferentes aspectos da vida social, inclusive no campo da educação”.

Neste sentido, pode-se observar um Estado que atende às relações de produções capitalistas, as quais exigem a perpetuação da estruturação do próprio capital. Destaca-se que no Estado capitalista revela-se uma dominação política de classes, evidenciando interesses individuais,

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS
entendidos como interesses econômicos de indivíduos privados e, portanto,
divergentes (POULANTZAS, 1977).

Assim, para as frações de classes dominadas, do ponto de vista ideológico ressalta-se o exercício da cidadania, enquanto que do ponto de vista econômico percebe-se o isolamento dos agentes de produção, ou seja, uma segregação entre quem compra e quem vende a força de trabalho individual, tornando uma mercadoria passível de negociação no mercado, inviabilizando a luta de classes. É a partir do isolamento das classes dominada que o Estado contribui para uma nova unidade composta por pessoas políticas e indivíduos privados, a qual terá as condições para organizar as ideologias de classes pautadas em interesses econômicos privados, mantendo a dominação por parte do proprietário dos meios de produção (POULANTZAS, 1977).

Entretanto, mesmo nesse contexto de capitalismo avançado, com poder significativo em relação aos meios de produção e de comunicação, o Estado não tem desenvolvimento autônomo/próprio, pois suas transformações são baseadas na evolução das condições econômicas que acontecem e existem na sociedade. Ou seja, este Estado Capitalista Neoliberal, de modo geral, é reflexo das necessidades econômicas dos blocos sociais que detêm o poder, os quais são compostos, por exemplo, por grandes empresários, pelos Organismos Internacionais, entre outros (MARX; ENGELS, 2005).

Atrelado a esse contexto, no Brasil, a educação muitas vezes auxilia nesse processo de velamento da exploração do trabalhador e aprofunda o processo de alienação da classe trabalhadora. Desse modo, as organizações privadas que estão fora da escola, mas que interferem dentro desta instituição com a lógica empresarial, estão cada vez mais desenvolvendo projetos voltados à educação pública brasileira, ditando o currículo das escolas, utilizando como justificativa para isso, o pressuposto de que a educação oferecida pelo poder público está em crise de qualidade, então devem se ajustar aos moldes da gestão empresarial para se tornarem eficientes, eficazes e produtivas (BEZERRA; ARAÚJO, 2017). Isto é, os empresários criam um clima de caos na educação e uma solução para resolvê-lo centrada em seus próprios interesses mercadológicos.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Nesse sentido, visam modificar a educação, atuando na constituição da oferta do ensino público, a fim de ser eficiente na preparação dos indivíduos para o mercado de trabalho, “[...] olhando para os jovens como estoque de mão de obra” (GONÇALVEZ, 2017, p. 142), almejando, com essa perspectiva, o aumento da produção e economia, elevação da racionalidade mínima do trabalhador (ler, escrever e calcular), bem como, a partir dessa ótica, ampliar os investimentos internacionais para aquecer a economia do país (MARTINS, 2009).

No entanto, no plano ideal, deveriam defender uma escola com ensino que contemple um currículo com conteúdos que primam à organização social atual e sejam essenciais para a formação humana crítica, ou seja, conteúdos que tenham relevância social, objetivos, conhecimentos teóricos bem fundamentados com enfoque científico, filosófico, artístico, cultural possibilitando aos estudantes pensar e problematizar a realidade, desenvolver a criatividade e a afetividade, e conseqüentemente, ampliar sua gama de conhecimentos. Com todos os conteúdos envolvidos nessa formação humana, relacionados, de forma intrínseca e não fragmentados (SAVIANI, 2008; MALANCHEN, 2014; MARTINS, 2009).

Entretanto, defendem um currículo com conteúdos escolares moldados de acordo com os interesses capitalistas e conseqüentemente os fatos históricos abordados por eles, isto é, a escola vai ensinar conteúdos que dialogam com a lógica capitalista, para que a classe dominante continue explorando a classe trabalhadora, propagando por meio deles, a ideia de que essa é a única forma de sociedade possível (MÉSZÁROS, 2007).

Propõe-se, então, um currículo mínimo com ênfase na oferta de um conhecimento básico para atender aos interesses dos empresários, acarretando a fragmentação da formação do estudante. Isto é, uma formação minimalista e alienada¹, para que os trabalhadores não questionem a forma como o capitalismo organiza os meios de produção, não colocando em risco o *status quo* das classes dominantes. Nesse sentido, há uma preocupação em

¹A alienação é considerada um processo que nega a essência humana, transformando o trabalhador em mercadoria, de acordo com Netto (1981), pode ocorrer de diferentes formas em diferentes sociedades, pois sua viabilidade está atrelada aos contextos e concepções sociais que a cerca.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

transformar a educação pública em negócio subordinado aos interesses do capital, formando cidadãos aptos para atuar no mercado de trabalho para superar as demandas do capital (MARTINS, 2009).

Dessa forma, percebe-se que os grandes detentores dos meios de produção, utilizam o ambiente educacional como meio para manipular seus trabalhadores e evitar qualquer tipo de alteração nessa relação de submissão e comando patrão-empregado (FREITAS, 2018), tratando seus trabalhadores como meras mercadorias.

Diante disso, Netto (1981) afirma ser necessário compreender a problemática da alienação e do fetichismo², que permeiam esse ambiente educacional e a sociedade capitalista, para tanto, retrata o questionamento sobre a capacidade de modificação, adaptação e resistência do modo de produção capitalista ao longo dos processos históricos de constituição da sociedade burguesa, a qual traz grandes consequências para o ambiente educacional, pois interfere diretamente nesse espaço.

Desse modo, buscam-se, de forma orgânica, aspectos teóricos de uma ação prático-social que envolve o tensionamento sobre a categoria trabalho e a categoria valor, o excedente do trabalho (a mais-valia), a divisão social do trabalho, propriedade privada, conceito de mercadoria e a estratificação social, a qual se fundamenta na ideologia de quem domina o modo de produção do capital, emergindo, então, o papel da escola como mediadora, promovendo a conformação da situação social vivenciada pela grande parte da sociedade que é expropriada dos meios de produção. Também, aspectos reprodutores, pois não se efetiva um ensino que considere uma qualidade socialmente referenciada, e sim fortalece uma gestão gerencial, de responsabilização do estudante pelo seu fracasso escolar e, conseqüentemente, não mobilidade social (NETTO, 1981).

Sob esta ótica do capital, ressalta-se que a escola assume uma responsabilidade de humanização das relações existentes no meio social e

² Atribuição de características próprias das relações sociais dominantes aos objetos materiais, de forma naturalizada, como se o valor a ele atribuído já lhe pertencesse originalmente, ou seja, atribui propriedades reais aos objetos materiais que provem da economia capitalista (BOTTMORE, 2001) sendo que não sofrem controle do homem, mas o exerce sobre ele.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

econômico quanto à exploração e dominação de classes, com um ensino técnico que atenda aos interesses e necessidades empresariais.

No entanto, a escola como mediadora do conhecimento, não exerce apenas esse papel, de conformação social e reprodução da desigualdade entre as classes, mas também atua sob uma perspectiva de formar indivíduos críticos que vivem nessa sociedade capitalista dividida em classes sociais antagônicas, e o professor tem papel de grande importância nesse processo, pois é ele quem conduz essa formação dos estudantes. Dessa forma, juntos, professor e escola, de acordo com Gramsci (1979), tem o papel de formar indivíduos que sejam ativos perante a sociedade, que são capazes de tomar decisões conscientes e que tenham capacidade de ser dirigentes desse espaço, ou seja, que auxiliem de forma efetiva na humanização dos indivíduos e, para isso, a educação não pode ficar restrita às mazelas sociais que resultam da sociedade capitalista. Pois, conforme Cury (2002, p. 246), “a educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania, e tal princípio é indispensável para políticas que visam à participação de todos nos espaços sociais e políticos e, mesmo, para reinserção no mundo profissional.”

Além disso, deve ser levado em conta a metodologia, o acervo de conhecimento científico e os materiais pedagógicos utilizados pelo professor nesse processo, pois interferem nessa formação (MELLO, 2009). E ainda, a relação dessa prática com o currículo escolar.

Nesse sentido, devido o professor e a escola estarem inseridos em um Estado com modos de produção capitalista, com sociedade dividida em classes sociais antagônicas, a luta de classes interfere de forma incisiva no trabalho docente presente nas instituições de ensino, e, também, na sua vida em sociedade, deixando, paulatinamente, de ser considerado um membro da classe alta da sociedade, pois seu trabalho está cada vez mais sucateado e sua função na sociedade cada vez mais desvalorizada (SILVEIRA, 1995). Com isso, sofre consequências resultantes da classe trabalhadora, explorada pelo mercado de trabalho capitalista, enfrentando os desafios que a luta de classes o envolve.

Nessa perspectiva, de acordo com Wood (2003), esta luta de classes se concentra em torno da extração e apropriação da mais-valia,

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

acontecendo dentro das empresas e também fora delas. Quando ocorre dentro das empresas os capitalistas conseguem amenizá-las, quando ocorre fora delas, a forma de controle passa a ser por meio dos aparelhos do Estado, normalmente os aparelhos repressivos (polícia), utilizando de formas violentas. Assim, o Estado age com poder ideológico, dentre eles a escola, que se corporifica sobre os homens (MARX; ENGELS, 2005), a favor do capital e contra a classe trabalhadora.

No entanto, essa luta de classes, assume caráter político e tem relações econômicas (MARX; ENGELS, 2005), pois de um lado, estão os capitalistas, com poder hegemônico, que necessitam dos trabalhadores para produzir mercadorias e para isso investem na educação básica, a fim de obter mão de obra técnica qualificada e barata; e de outro, estão os trabalhadores, explorados pelo modo de produção capitalista, que buscam se organizar para melhorar suas condições de vida e de trabalho (WOOD, 2003).

Contudo, pode-se perceber a ação do Estado, uma vez que ideologicamente impede a organização coletiva da classe trabalhadora, contribuindo para a aproximação de blocos com interesses mercadológicos e indicando uma situação histórica de dominação de classes. Em outras palavras, há uma concentração de interesses econômicos privados, mantendo a dominância específica entre as classes, a partir da dupla função do Estado em mediar os conflitos emergentes decorrentes de interesses divergentes. (POULANTZAS, 1977). Neste sentido, mais uma vez é preciso analisar a função da escola em sua totalidade, considerando as contradições presentes nesta sociedade capitalista com interesses antagônicos, enquanto entendida como aparelho ideológico do Estado, como reprodutora da ordem social indicada pelo modelo de produção capitalista.

Além disso, este Estado tem instituições de ensino públicas e privadas que sofrem interferências constantes de todos esses aspectos que permeiam a sociedade capitalista, influenciando e definindo abordagens escolares, que enfocam a disciplina e o mérito e, conseqüentemente, gera o aumento da segregação, pois, nessa lógica, basta ter força de vontade e resistência para aprender. Nesse sentido, as escolas particulares passam a ser consideradas as de melhor qualidade, pois “escolhem” os alunos com melhor

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

rendimento e “exclui” os alunos com dificuldades de aprendizagem, além de terem mais investimentos em educação (FREITAS, 2018).

No entanto, sabe-se que para se chegar à aprendizagem significativa, o aluno precisa muito mais que esforço próprio, precisa de condições de vida adequadas que lhe possibilite frequentar a escola com ensino de qualidade, conteúdos referendados, produzidos historicamente e que possibilitem a apropriação da cultura desenvolvida pela própria humanidade.

Porém, as escolas públicas vêm enfrentando dificuldades com a falta de investimento público. Devido suas condições precárias, muitas empresas buscam interferir no seu interior com lógica empresarial, buscando colocar as formas de gerir a empresa dentro desse espaço, afirmando que essa é a solução para superar os problemas com a qualidade da educação. Assim, o controle social e a coletivização das decisões, tão importantes para a construção da democracia [...], acabam cedendo lugar ao controle externo de instituições privadas, que determinam o conteúdo das [...] práticas escolares cotidianas. (PERONI, 2013, p. 28).

Nesse sentido, Santiago (1997) afirma que a escola não é uma empresa, porque sua matéria prima não é a mesma das empresas, é uma instituição de ensino que trabalha com seres humanos que tem consciência. Dessa forma, a escola deve levar isso em consideração, valorizar e buscar desenvolver tal consciência, não formando os sujeitos nos moldes empresariais. Além disso, o processo educacional é um processo com sujeitos autônomos, então, não devem ser confundidos com os processos de produção de mercadorias, que são objetos com valor de troca.

Porém, nesse contexto capitalista, que toma a produção de mercadorias e o lucro acima de tudo, Santiago (1997) respaldado nas ideias de Florestan Fernandes, afirma que a escola tende a ser reprodutora desse sistema e possibilita a formação de sujeitos submissos ao capital, moldando corpos e mentes de acordo com a ideologia dominante, estabelecendo a conformação social, estando, ao mesmo tempo, permeada por relações contraditórias e, de certa forma, aberta às diversas ações sociais que:

[...] se mesclam no conjunto de uma ação social transformadora que se opõe à organização capitalista de produção, mediante a aceleração da consciência de classe. E para tanto é preciso erigir sobre a prática educativa uma teoria

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

mais elaborada que revele, no caráter hegemônico, mediador e contraditório dessa prática, os elementos decisivos de sua superação (CURY, 1985, p. 130).

Nesse sentido, os professores e as instituições escolares devem lutar para que o ensino não seja voltado à formação de mão-de-obra barata para o mercado de trabalho, mas pensar uma formação de sujeitos conscientes, que consigam atuar na sociedade capitalista de forma crítica e participativa. Nessa perspectiva, a escola não pode ser gerida como empresa e tratar os alunos como clientes, pois, de acordo com Santiago (1997), aplicar técnicas de gerenciamento de empresas nas escolas pode causar danos irreversíveis e agravamento dos problemas com a qualidade da educação.

Diante disso, Mészáros (2007) afirma que a educação precisa ser trabalhada de maneira que modifique as condições de uma sociedade capitalista desigual, ou seja, que seja, uma educação continua para além do capital, a qual tem o papel “[...] soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas [...] para mudar as condições [...] de reprodução, como para a *automudança consciente* dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social [...] radicalmente diferente [...]”. (MÉSZÁROS, 2007, p. 217).

Sendo assim, os princípios que orientam a educação escolar formal, devem se desvencilhar das ideias capitalistas que impõe conformação aos indivíduos, que tem processo de trabalho alienante e desumanizador, e caminhar rumo a uma educação abrangente, que auxilia na promoção de pensamento crítico aos indivíduos, os quais passam a ter capacidade de promover as alterações sociais. Sendo assim, desde o princípio, a educação tem o papel de extrema importância, de “[...] romper com a internalização predominante nas escolhas políticas circunscritas à ‘legitimação constitucional democrática’ do Estado capitalista que defende seus próprios interesses [...]”. (MÉSZÁROS, 2007, p. 214).

Conclusão

Diante do exposto, pode-se refletir que o capital precisa da educação para disseminar sua ideologia e formar mão-de-obra, e precisa do Estado para facilitar seu planejamento, assumir responsabilidades, conter os

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

conflitos entre as classes, cumprir funções sociais que são abandonadas/pioradas pelo capital e atuar com leis de compensação para com os efeitos sociais causados pelo capitalismo não sejam tão nocivos, fazendo com que a população volte-se contra o próprio Estado. Assim, o Estado e a educação são tidos como importantes elementos para o capital expandir-se e manter-se (WOOD, 2003).

Dentro desse contexto, entende-se que a vida da sociedade burguesa capitalista é extremamente complexa e multifacetada. Netto (1981), afirma que a sociedade burguesa é a mais complexa das formas societárias que os homens produziram até hoje.

Dessa forma, para se pensar a educação, é preciso analisar os princípios que compreendem a vida social, permeada por contradições, as quais envolvem desde a formação para o trabalho ao uso do lazer, da constituição dos imaginários, organização e desorganização dos agentes sociais (família, escola, igreja, entre outras) a busca pelo conhecimento de como se cria e se reproduz a vida social. Sendo assim, ainda, é correto apontar que a educação carrega em si, a partir da ação da escola, enquanto aparelho ideológico do Estado, duas condições distintas: educar para o consenso, legitimando a ideologia da classe apropriadora ou contribuir para a formação omnilateral do sujeito social, oportunizando a construção de um saber crítico sobre a realidade social. Portanto, a educação se faz considerando sua totalidade e seu caráter contraditório, ora expressando a estrutura, ora ocultando-a.

Referências

BEZERRA, Vinicius; ARAÚJO, Carla Maluf de. A reforma do ensino médio Privatização da política educacional. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 21, jun./dez. 2017. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/779/pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e Contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez, 1985.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de Pesquisa**. nº.116, São Paulo: julho, 2002. P. 245-262.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

FERRETTI, Celso João. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. **Revista Estudos Avançados**. Vol.32, n. 93. São Paulo: May/Aug., 2018.

FETICHISMO. *In*: BATTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.149.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 160 p.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MALANCHEN, J. **A pedagogia histórico-crítica e o currículo: para além do multiculturalismo das políticas curriculares nacionais**. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: Feuerbach – A Contraposição entre as Cosmovisões Materialistas e Idealistas. São Paulo: Martin Claret. 2005.

MELLO, Suely Amaral. Cultura, mediação e atividade. *In*: MENDONÇA, Sueli Guadelupi de Lima; SILVA, Vandei Pinto da; MILLER, Stela. **Marx, Gramsci e Vigotski**: aproximações. São Paulo: Junqueira & Marin, 2009. p. 365-376.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. *In*: MÉSZÁROS, István. **O desafio e o Fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 195-223.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e Reificação**. São Paulo: LECH, 1981.

PERONI, Vera Maria Vidal. **Redefinições das fronteiras entre o público e o privado**: implicações para a democratização da educação. Brasília: Liber Livro, 2013.

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel. O público e o privado na educação: Projetos em disputa?. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 337-352, jul./dez. 2015.

POULANTZAS, Nicos. **Poder político e classes sociais**. São Paulo: Martins Fontes, 1977

SANTIAGO, Carlos. Para a crítica da “Qualidade Total” no ensino. *In*: BARRO, A. L. Rocha *et al.* **Um olhar que persiste**: ensaios críticos sobre o Capitalismo e o Socialismo. São Paulo: Anita Garibaldi, 1997. p. 243- 252.

SAVIANI. Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10 ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

SILVEIRA, Renê José Trentin. O professor e a transformação da realidade. **Revista Nuances**, v. 1, n. 1, p. 21-30, set. 1995.

WOOD, Ellen Meiksins. O processo histórico de diferenciação: o poder das classes e o poder do estado. In: WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 37- 50.